

Os ditongos [i̯], [õ], [ü] sempre ocorrem em sílabas tônicas (cf. “mãe, põe, muito”). Os ditongos [é] e [áu] ocorrem em sílabas tônicas (cf. “bem” e “pão”) ou em sílabas átonas (cf. “item” e “órfão”).

Em todos os exemplos dados temos ditongos decrescentes nasais para qualquer variedade do português (a palavra “ruim” pode ocorrer opcionalmente como “[rui̯m]” – com uma seqüência de vogais” – para muitos falantes).

Tarefa

Transcreva foneticamente as palavras que apresentam ditongos decrescentes na-
sais com término em [i, u] que são listadas no quadro de ditongos decrescentes da
tabela destacável de ditongos (coluna de transcrições). Ao fazer ‘tais transcrições
você identificará os ditongos decrescentes nasais que ocorrem em seu dialeto.
Indique os ditongos pertinentes ao seu dialeto ao listá-los na coluna de “ditongos”.

Há, contudo, casos de ditongos decrescentes nasalizados no português. Estes ca-
sos marcam variação dialetal. De maneira similar à nasalidade de vogais, os ditongos
decrescentes podem ser nasalizados quando ocorrem seguidos de consoante nasal:
“Ror[ã]ima, pfã[in]eira” (a consoante nasal palatal [ã] ou o glide palatal nasal corres-
pondente [ã̯] não ocorrem em português após um ditongo decrescente; *Apñ] (cf. “ra-
inha, bairinha”). A pronúncia nasalizada dos ditongos decrescentes seguidos de consoan-
tes nasais em palavras como “Ror[ã]ima, pfã[in]eira” é típica da região de Belo Horiz-
onte (MG), por exemplo. Já em Boa Vista (RR), os ditongos decrescentes seguidos de
consoantes nasais manifestam-se foneticamente como uma seqüência de vogal-glide
orais: “Ror[ã]ima, pfã[in]eira”. Quando o ditongo decrescente seguido de consoante
nasal termina em [u] a nasalização não ocorre em nenhum dialeto: *tr[ã]uma e *s[ã]u[ã]na.

Tarefa

Transcreva foneticamente as palavras que apresentam consoantes complexas que
são listadas na tabela destacável de ditongos (coluna de transcrições). Ao fazer
‘tais transcrições você identificará as consoantes complexas que ocorrem em seu
idióleto. Indique estas consoantes ao listá-las na coluna de “cons. complexa”.

22. Exercícios complementares 2

1. Indique nos exemplos se a vogal tônica é uma vogal média-alta (fechada) – [e, o] – ou uma vogal média-baixa (aberta) – [ɛ, ɔ]. Siga os exemplos. Todas as palavras abaixo são substantivos ou adjetivos.

- | | | | | | | | |
|---------------|-------|-------|--------|-------|---------|-------|---------|
| 1. <u>[E]</u> | festa | 11. — | teto | 21. — | troco | 31. — | ele |
| 2. <u>[ɔ]</u> | corvo | 12. — | janela | 22. — | certo | 32. — | chefé |
| 3. <u>[e]</u> | peso | 13. — | pelo | 23. — | planeta | 33. — | célebre |
| 4. <u>[ɔ]</u> | sola | 14. — | severa | 24. — | mesa | 34. — | frevo |
| 5. — | seta | 15. — | cela | 25. — | cofre | 35. — | soco |
| 6. — | bolo | 16. — | copo | 26. — | vela | 36. — | cera |
| 7. — | ovo | 17. — | sólida | 27. — | povo | 37. — | arrotô |
| 8. — | cola | 18. — | mole | 28. — | medo | 38. — | broto |
| 9. — | trevo | 19. — | avô | 29. — | telha | 39. — | pêssego |
| 10. — | berço | 20. — | avô | 30. — | vespa | 40. — | grotâ |

2. Nos exemplos que se seguem, a palavra da coluna da esquerda é um substantivo ou adjetivo e a palavra da coluna da direita é uma forma verbal. Transcreva foneticamente estes exemplos observando a vogal média que ocorre em posição tônica para os substantivos/adjetivos e para as formas verbais. Pode ocorrer uma vogal média-alta (fechada) – [e, o] – ou uma vogal média-baixa (aberta) – [ɛ, ɔ]. Apresente as transcri-
ções fonéticas entre colchetes e marque a sílaba tônica com o símbolo [].

- | | | |
|------------|---|----------|
| 1. o troco | — | eu troco |
| 2. o jogo | — | eu jogo |
| 3. o bolo | — | eu bolo |
| 4. o soco | — | eu soco |
| 5. o choco | — | eu choco |

Em nossa análise, as seqüências tradicionalmente denominadas “tritongos” (cf. “quais”) são analisadas como uma seqüência de oclusiva velar labializada que pode ser seguida por uma vogal ou por um ditongo: “quase” [kʷaɪz] e “quais” [kʷaɪs]. Os segmentos [kʷ, gʷ] são denominados **consoantes complexas** e correspondem a uma oclusiva ve-
lar labializada. Nestas consoantes articulamos a oclusiva velar – [k] ou [g] – con-
comitante com o arredondamento dos lábios. Os argumentos que corroboram tal
proposta são de natureza fonológica e são sumarizados na parte de fonêmica. Vale ressaltar
aqui que algumas palavras que geralmente apresentam consoantes complexas [kʷ, gʷ] na
pronúncia de certos falantes, podem apresentar apenas uma oclusiva velar [k, g] na pronún-
cia de outros: “l[i][kʷ]dificador ~ l[i][k]dificador” (ver também “quota, quatorze”, etc.).
Contudo, em várias palavras a consoante complexa ocorre obrigatoriamente para todos os

falantes – como por exemplo “tranquílio, aquoso, seqüela, lingüística, linguagem”, etc. Note
que uma palavra como “[kʷ]aldo” jamais será pronunciada como “[kaldro]”. Já uma pa-
vra como “[kʷ]ajtorze” pode apresentar uma pronúncia alternativa como “[kaljorze]”. As
consoantes complexas representam um resquício histórico do latim no português.

53

54

55

6. o dedo		eu dedo
7. o gelo		eu gelo
8. o apelo		eu apelo
9. o azedo		eu azedo
10. o começo		eu começo
3. Transcreva foneticamente as palavras observando para cada par de palavras qual é a vogal média que ocorre em posição tônica nas formas da esquerda e quais as vogais médias que ocorrem em posição pretônica nas formas da direita. Pode ocorrer uma vogal média-alta (fechada) – [e,ó] – ou uma vogal média-baixa (aberta) – [ɛ,ɔ]. Apresente as transcrições fonéticas entre colchetes.		
1. metrópole		metropolitano
2. herói		heroína
3. cola		colagem
4. copo		copeiro
5. capota		capotagem
6. pagode		pagodeiro
7. poeta		poetiza
8. café		cafezal
9. capela		capelão
10. pivete		pivetada
11. janela		janeleiro
12. panela		panelada

4. Transcreva foneticamente as palavras observando a ocorrência de vogais médias [e,ó,ɛ,ɔ].

1. a vela		velar
2. a inveja		invejar
3. a pele		pelar
4. a terra		aterrar
5. a prova		aprovar
6. a colá		colar
7. a sola		solar
8. a toca		enlocar
9. o zelo		zelar
10. o aterro		aterrar
11. o apelo		apelar
12. o cabelo		descabelar
13. o soco		socar
14. o jogo		jogar
15. o mofo		nofar
16. o nojo		enojar

5. Transcreva as palavras observando as vogais átonas finais. Siga o exemplo.

dado.		
1. [mɔ̃gɔ̃]	mole	15. ——— lua
2. ———	sala	16. ——— vidro
3. ———	todo	17. ——— sólida
4. ———	pulo	18. ——— púdica
5. ———	cálido	19. ——— foto
6. ———	tônica	20. ——— crua
7. ———	cênico	21. ——— tribo
8. ———	árvore	22. ——— safari
9. ———	mesa	23. ——— carteiro
10. ———	berço	24. ——— livraria
11. ———	porta	25. ——— cofre
12. ———	janela	26. ——— vela
13. ———	quarto	27. ——— típico
14. ———	severa	28. ——— meio
6. Transcreva as vogais postônicas médias. Siga o exemplo diado.		
1. ——— [ɪ]	cálido	15. ——— êxodo
2. ———	cânfora	16. ——— vítima
3. ———	tético	17. ——— sólida
4. ———	número	18. ——— iúdica
5. ———	álbito	19. ——— cédula
6. ———	tônica	20. ——— cómica
7. ———	célebre	21. ——— câmera
8. ———	árvore	22. ——— fenômeno
9. ———	ópera	23. ——— 36. ——— drácula
10. ———	átomo	24. ——— protótipo
11. ———	silaba	25. ——— ânago
12. ———	crápula	26. ——— anêmona
13. ———	túmulo	27. ——— cântamo
14. ———	pérola	28. ——— péssegoo
7. Transcreva as palavras dedicando atenção especial às vogais tônicas nasais. Siga o exemplo dado.		
1. [baɾõ]	batom	5. ——— num
2. [lɔ̃kafureL]	cânfora	6. ——— junto
3. ———	cento	7. ——— lã
4. ———	cinto	8. ——— sim
9. ———		9. ——— son
10. ———		10. ——— alun
11. ———		11. ——— tímpano
12. ———		12. ——— temporas

13. lânguido 23. canja 33. encobre
 14. santa 24. acento 34. conde
 15. lenta 25. simples 35. frequência
 16. assunto 26. interim 36. comum
 17. acampa 27. ombro 37. jasmin
 18. assenta 28. compras 38. ambas
 19. Corinto 29. antes 39. tanto
 20. presente 30. assim 40. príncipe
 21. Cândida 31. irmã 41. discordância
 22. trânsito 32. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63.

8. Transcreva foneticamente as palavras observando se as vogais e ditongos decrescentes são nasalizados quando seguidos de consoantes nasais. Apresente as transcrições fonéticas entre colchetes. Vogais nasais são transcritas com um til colocado acima da vogal correspondente. Se a vogal nasal é tônica esta recebe o til – que marca a nasalidade – e a sílaba deve ser precedida de [i] – que marca a tonicidade.

1. cama 11. senha 21. rainha 31. [i]
 2. bacana 12. senhor 22. Jaime 32. [i]
 3. facanha 13. senado 23. reino 33. [i]
 4. camada 14. Iracema 24. boina 34. [i]
 5. anáfora 15. vinho 25. arruinar 35. [i]
 6. cânhamo 16. conhaque 26. medonha 36. [i]
 7. amada 17. tônico 27. Aimorés 37. [i]
 8. tâmara 18. afômico 28. cênica 38. [i]
 9. banhada 19. punho 29. Janaina 39. [i]
 10. manhosa 20. sumiço 30. queima 40. [i]

9. Transcreva foneticamente as palavras observando a ocorrência de vogais orais e nasais. Apresente as transcrições fonéticas entre colchetes. Marque a vogal tônica com o símbolo [i] precedendo a vogal acentuada. Vogais nasais são transcritas com um til colocado acima da vogal correspondente.

1. Pelé 10. maçã 19. terrete 61. 62. 63. 64. 65.
 2. bocó 11. janta 20. terráqueo 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

10. Transcreva foneticamente as palavras dedicando atenção especial ao registro dos ditongos.
1. etérea 8. amén 15. gaitista
 2. nódoa 9. anão 16. ajeitado
 3. ódio 10. cátimbra 17. cuidado
 4. cárie 11. ruim 18. Moscou
 5. tênué 12. repõe 19. judeu
 6. sábia 13. capiães 20. aurora
 7. Mário 14. nacional 21. coitada

11. Dê um exemplo de palavra do português para cada vogal ou ditongo listado abaixo. A vogal ou ditongo em questão deverá ocorrer em sílaba tônica. O símbolo [i] colocado antes da sílaba acentuada marca a tonicidade. Um til colocado acima da vogal marca a nasalidade. Apresente os dados em transcrição fonética (entre colchetes). Siga o exemplo dado.

1. [i] [sa'si] "Saci"
 2. [e] [sa'si] 15. [ɛ]
 3. [ɛ] [sa'si] 16. [ɔɪ]
 4. [a] [sa'si] 17. [ɔ̄]
 5. [ɔ] [sa'si] 18. [ū]
 6. [o] [sa'si] 19. [aū]
 7. [u] [sa'si] 20. [eū]
 8. [i] [sa'si] 21. [ɛ̄]
 9. [ē] [sa'si] 22. [oū]
 10. [ā] [sa'si] 23. [ī]
 11. [ɔ̄] [sa'si] 24. [ā]
 12. [ū] [sa'si] 25. [ɔ̄̄]
 13. [ɛ̄] [sa'si] 26. [ū̄]
 14. [ē̄] [sa'si] 27. [ɛ̄̄]
 15. [ā̄] [sa'si] 28. [aū̄]

12. Transcreva foneticamente o seguinte texto:

"Concluímos aqui os exercícios referentes aos segmentos vocálicos do português brasileiro. A próxima sessão é dedicada à discussão da natureza das transcrições fonéticas."

23. Transcrições fonéticas

Esta seção tem por objetivo discutir o uso de símbolos fonéticos para o registro de dados em transcrições da fala, considerando-se especialmente a transcrição de dados do português. Para a discussão do desenvolvimento histórico da noção de transcrição fonética, bem como de aspectos teóricos e de categorização de diferentes tipos de transcrições, veja Abercrombie (1967), Pike (1943, 1947), Callou & Leite (1990).

As línguas naturais apresentam palavras que têm seqüências sonoras idênticas com significados diferentes. Duas palavras pronunciadas da mesma maneira que apresentam significados diferentes são chamadas **palavras homófonas**. Um par de palavras homófonas em português é “cela” e “selo”: [ſeſla]. O par de palavras homófonas “cela” e “selo” tem o registro ortográfico diferente para as duas palavras. Contudo, este não é necessariamente sempre o caso envolvendo palavras homófonas. Elas podem ter registro ortográfico idêntico. Veja por exemplo “manga (fruta)”, “manga (de camisa)” e “manga (do pasto da fazenda)”.

Para falantes do português brasileiro a transcrição das palavras “cela” e “selo” é praticamente invariável (pode haver variação apenas quanto ao registro da vogal atona final). A escolha dos símbolos fonéticos utilizados na transcrição fonética da palavra [ſeſla] é deduzível a partir de parâmetros articulatórios. O símbolo [ſ], por exemplo, corresponde a uma fricativa alveolar desvozeada que é o segmento consonantal articulado no inicio da palavra [ſeſla]. A vogal tônica [ɛ] é uma vogal média-baixa anterior não-arredondada que é seguida por um segmento alveolar/dental/lateral [l]. O último segmento é a vogal média-baixa central não-arredondada: [ə] (ou [a]).

Consideremos outras duas palavras que geralmente são homófonas no português brasileiro: “óleos” e “olhos” (veremos em breve que estas palavras podem apresentar pronúncias distintas para alguns falantes). Quando homófonas, as palavras “óleos” e “olhos” têm na última sílaba uma consoante lateral alveolar ou dental seguida de uma seqüência de *glide anterior+sibilante+desvozeada* ([ſ] ou [ʃ]) dependendo do dialeto). Temos então: [lGVs] (*lateral+glide+vocal+s*), sendo que o s final pode ocorrer como [ſ] ou [ʃ] dependendo do dialeto. A questão que se coloca ao fazermos a transcrição fonética das palavras homófonas “óleos” e “olhos” é quanto à escolha dos símbolos fonéticos a serem utilizados para transcrevê-las. Mais especificamente, a questão de como transcrever o glide na seqüência [lGVs] que ocorre na sílaba final das palavras homófonas “óleos” e “olhos”. Temos pelo menos as seguintes alternativas para representar a seqüência de [lGVs] – pode ocorrer como glide ou vocal em posição pré-fônica – [ɔl̪ozu] ou [ɔl̪ozu]. Consideramos aqui apenas a pronúncia [ɔl̪ozu] que é relevante para o assunto em questão. A vogal final da raiz de “óleos” pode ocorrer também como [e]: [ɔlejs] (quando temos um ditongo decrescente postônico) ou [ɔleos] (quando temos uma seqüência de vogais postônicas). A pronúncia que apresenta uma seqüência de vogais [ɔleos] – seria uma evidência adicional para a proposta de assumirmos um segmento vocalítico para transcrever o glide em “óleos”. De acordo com esta proposta a palavra “óleos” [ɔl̪ozu] tem uma estrutura silábica do tipo VCVVC com cinco elementos (cf. diagrama acima).

Consideremos agora uma forma como “olhada”. Similarmente a pronúncia [ɔl̪ozu] para “óleos”, a palavra “olhada” também apresenta uma seqüência de glide-vocal seguindo a lateral [l]. Contudo, “óleoso” apresenta duas pronúncias possíveis: [ɔl̪ozu] (com glide-vocal) e [oliɔzu] (com duas vogais). Ao contrário de “óleoso”, a correspondente é (VCVC) em que o glide é parte da consoante palatalizada que se encontra

entre as vogais. Note que a escolha entre a transcrição [ɔl̪ius] e [ɔl̪juſ] implica em uma interpretação diferente da estrutura silábica: com cinco elementos (VCVVC) ou com quatro elementos (VCVC). Associando cada segmento fonético a uma vogal ou consoante temos os esquemas abaixo:

V C V V C	V C V C
[ɔ l̪ i u ſ]	[ɔ l̪ i u ſ]

Devemos então buscar argumentos que justifiquem a escolha entre uma das transcrições [ɔl̪ius] e [ɔl̪juſ] como sendo a mais adequada para representar a relação entre segmentos e a estrutura silábica nas palavras homófonas “óleos” e “olhos”. Uma solução possível é dada a partir da consideração de palavras derivadas a partir da raiz de “óleos” e “olhos”. Consideremos inicialmente a palavra “óleoso” (derivada de “óleo”). A palavra “óleoso” pode ser pronunciada com uma seqüência de vogais prétonicas – [oliɔzu] – ou com um ditongo crescente ocorrendo em posição prétonica – [ɔl̪ozu]. No último caso – [ɔl̪ozu] – temos uma seqüência de glide-vocal (GV). Podemos argumentar que a alteridade entre uma seqüência de vogais [io] e uma seqüência de glide-vocal [l̪o] em posição prétonica na palavra derivada “óleoso” fornece evidência para assumirmos a transcrição fonética [ɔl̪ozu] para “óleos”, já que palavras derivadas são formadas por *raiz+prefixo derivacional+suffixo de gênero*. A partir da forma “gosto” derivamos “gostoso”: em que a raiz “gost-” é seguida do sufixo derivacional “-os” e do sufixo de gênero “-o”. Derivando de maneira análoga a palavra “óleoso” dizemos que a raiz “óle-” seguia dos sufixos “-os” e “-o” forma a palavra “óleoso”. Note que a raiz de “óleos” e “óleoso” é “óle-”. Esta raiz termina em vocal. Assumiremos que em “óleos” a raiz “óle-” é seguida do sufixo de gênero “-o” e do sufixo de plural “-s”. Temos então (ole + o + s) com a estrutura silábica VCVVC que tem cinco elementos. A transcrição fonética de “óleos” como [ɔl̪ius] – em que o glide postônico é transscrito como um segmento vocálico – é justificada a partir de formas derivadas (como “óleoso”).

O elemento final da raiz que se manifesta como um glide em posição postônica – [ɔl̪ius] – pode ocorrer como glide ou vocal em posição prétonica – [ɔl̪ozu] ou [oliɔzu]. Consideramos aqui apenas a pronúncia [ɔl̪ozu] que é relevante para o assunto em questão. A vogal final da raiz de “óleos” pode ocorrer também como [e]: [ɔlejs] (quando temos um ditongo decrescente postônico) ou [ɔleos] (quando temos uma seqüência de vogais postônicas). A pronúncia que apresenta uma seqüência de vogais [ɔleos] – seria uma evidência adicional para a proposta de assumirmos um segmento vocalítico para transcrever o glide em “óleos”. De acordo com esta proposta a palavra “óleos” [ɔl̪ozu] tem uma estrutura silábica do tipo VCVVC com cinco elementos (cf. diagrama acima).

Consideremos agora uma forma como “olhada”. Similarmente a pronúncia [ɔl̪ozu] para “óleos”, a palavra “olhada” também apresenta uma seqüência de glide-vocal seguindo a lateral [l]. Contudo, “óleoso” apresenta duas pronúncias possíveis: [ɔl̪ozu] (com glide-vocal) e [oliɔzu] (com duas vogais). Ao contrário de “óleoso”, a

palavra “*olhada*” deve obrigatoriedade apresentar uma pronúncia de glide-vocal seguindo a consoante lateral [l]. Ou seja, uma pronúncia como *[ol’adá] “*olhada*” é excluída. Note que a palavra “*olhada*” deve sempre apresentar uma seqüência de glide-vocal em posição pretônica porque o glide faz parte da consoante lateral – que é palatalizada: [l̪]. Transcreveremos foneticamente a palavra “*olhada*” como [ol̪iada] em que o glide corresponde à palatalização da consoante lateral. Na forma “*olhada*” temos a raiz “*olh*” seguida dos suffixos “-ad” e “-a” – (olha + ad + a) → [ol̪iada] – e temos a estrutura silábica VCV (com cinco elementos). Deduzimos que a forma “*olhos*” apresenta quatro elementos em sua estrutura silábica: VCVC como em [ɔ̄l̪us] (cf. diagrama acima).

Gostaríamos de salientar aqui a natureza distinta entre pronúncia e representação fonética. A pronúncia reflete a maneira como algo foi pronunciado e a transcrição fonética reflete a maneira mais adequada de se registrar aquela pronúncia. Consideraremos novamente as palavras “cela-sela” e “óleos-olhos”. Podemos dizer que as palavras “cela-sela” são homófonas e apresentam transcrições fonéticas idênticas: [seʃa]. Note que em [seʃa] os segmentos consonantais e vocálicos podem ser inferidos a partir dos parâmetros articulatórios envolvidos em sua produção. As palavras “óleos-olhos” são homófonas e apresentam transcrições fonéticas distintas: [ɔ̄l̪us] e [ɔ̄lus]. Note que em [ɔ̄l̪us] e [ɔ̄lus] os segmentos consonantais e vocálicos podem ser inferidos considerando-se os parâmetros articulatórios exceto pela seqüência postônica de glide-vocal (GV) que deve ser analisada em termos da estrutura silábica da língua.

Concluímos então que uma transcrição fonética reflete não apenas os aspectos fonético-articulatórios de uma seqüência sonora, mas também a interpretação ou análise do componente sonoro da língua. Os exercícios complementares apresentados a seguir têm por objetivo discutir e avaliar aspectos controversos de transcrições fonéticas do português. A parte da ciência que busca recursos metodológicos e formais para o estudo da cadeia sonora da fala é a fonêmica ou fonologia. Na próxima parte deste livro apresentaremos os princípios básicos da fonêmica – o modelo fonológico estruturalista – com ênfase na análise do português brasileiro.

24. Exercícios complementares 3

Estes exercícios têm por objetivo discutir aspectos controversos que se relacionam à transcrição fonética do português brasileiro. As conclusões dos exercícios – quanto aos símbolos adotados nas transcrições fonéticas – deverão determinar os símbolos fonéticos que ocorrem em seu idiotejo para as consoantes em questão.

3.1. Problema: como transcrever seqüências de consoante lateral-glide em posição intervocálica?

Exemplo: “óleos” e “olhos”

Proposta: ver proposta nas páginas precedentes.

Transcreva foneticamente as palavras:

(Grupo 1)	(Grupo 2)	(Grupo 3)
cartilha	família	palhaçada
velha	canelha	telhado
julho	Júlio	bagulhada

Verifique se a parte final das palavras dos grupos 1 e 2 são homófonas para você. Ou seja, *ilha* em “cartilha” e *ília* em “família” soam de maneira idêntica? Se sua resposta for afirmativa, é bastante provável que você tenha uma lateral palatalizada [l̪] nas palavras do grupo 1 (por exemplo “ve[l̪]a”) e que você tenha uma seqüência de lateral-vocal assilábica de um ditongo para as palavras do grupo 2 (por exemplo “Camé[il̪]a”). Se sua resposta for negativa, é bastante provável que você tenha uma lateral palatal para as palavras do grupo 1 (por exemplo “ve[X]a”) e que você tenha uma seqüência de lateral-vocal assilábica de um ditongo para as palavras do grupo 2 (por exemplo “Camé[il̪]a”). As consoantes laterais das palavras do grupo 3 apresentam símbolos idênticos àqueles assumidos para o grupo 1.

3.2. Problema: como transcrever as seqüências de vogal-glide em posição final de sílaba em português?

Exemplos: “cauda-calda” e “ítrau-mural”

Proposta: Temos por objetivo diferenciar a transcrição fonética das seqüências de vogal-glide em posição final de sílaba pelos seguintes motivos:

1. Em todos os dialetos do português, um grupo de palavras apresenta a seqüência vogal-glide em final de sílaba pronunciada de maneira idêntica (cf. “ítrau” e “cauda”). Por outro lado, há um grupo de palavras em que as seqüências que se manifestam como vogal-glide em alguns dialetos ocorrem como vogal-consoante lateral em outros dialetos (cf. “muro” e “calda”).

2. Há diferença nas formas plurais de palavras que terminam com uma seqüência de vogal-glide: “ítrau-ítraus” (e não *“ítrais”) e por outro lado “mural-muraus” (e não *“muraus”).

Com o objetivo de expressar esta diferença de comportamento no sistema sonoro do português assumimos que símbolos diferentes devem ser utilizados para representar

as seqüências de vogal-glide em final de sílaba. Utilize o símbolo [ɥ] para representar o glide nas seqüências de vogal-glide que são consistentes em qualquer dialeto do português (cf. “jirau cauda”).

De acordo com esta proposta, formas como “jirau, cauda” serão transcritas respectivamente como [i'kawdə] e [ʒi'rav]. Em posição final de sílaba e palavra – como em “jirau” – as formas plurais deste grupo são formadas a partir do acréscimo de um “s”: “jiraus”. O símbolo [ɥ] identifica que o glide corresponde a um segmento vocálico na estrutura silábica.

Afirmamos que há seqüências de vogal-glide que são consistentes em qualquer dialeto do português em exemplos como “jirau, cauda”. Isto quer dizer que todos os falantes do português terão invariavelmente uma seqüência de vogal-glide nas formas “jirau, cauda” (e demais palavras do mesmo grupo). Há, contudo, um grupo de palavras em que o glide na seqüência de vogal-glide pode ser manifestado como uma consoante lateral velarizada dependendo do dialeto: “mural[t], cal[t]da”. A lateral pode ser vocalizada em posição final de sílaba – “mural, calda”. Sugerimos transcrever o glide nestes casos com o símbolo [w]. De acordo com esta proposta, formas como ‘mural, calda’ são transcritas respectivamente como [mu'r̩aw] e [i'kawdə] quando o I em posição final de sílaba é vocalizado. Nos dialetos em que a consoante lateral velarizada ocorre temos [i'katdə] e [mu'r̩at]. O símbolo [w] identifica que o glide corresponde a um segmento consonantal na estrutura silábica.

Note que falantes do português identificam tais formas (cf. “mural, calda”) e as diferenciam de outros casos em que o glide não é proveniente da vocalização do I (cf. (“jirau, cauda”). Isto se dá a partir da alternância dialetal entre [w]~[t] (em formas como “mural, calda”), o que não ocorre em formas do grupo “jirau, cauda”. Falantes contam também com a formação de plural em cada grupo de palavras. As formas plurais de palavras que alternam [w]~[t] em posição de final de sílaba e palavra – como em “mural” – são formadas com o cancelamento do glide (ou da lateral velarizada) e do acréscimo de “is”: “muais”. Formas plurais do grupo de palavras “jirau” são formadas apenas pelo acréscimo do [s]: “jiraus”.

De acordo com a proposta apresentada acima em seqüências de vogal-glide em português, há casos em que o glide corresponde a uma vogal (cf. “jirau”) e há casos em que o glide corresponde a uma consoante (cf. “mural”). Para fundamentar tal proposta apresentamos um argumento que demonstra o comportamento dos glides em seqüências de vogal-glide como segmentos vocálicos ou consonantais em português. Tal argumento baseia-se na distribuição do “r” em português. Temos o “r fraco” que se manifesta como tepe ou vibrante simples – em “careta” por exemplo – e o “r forte” que apresenta inúmeras variantes dialetrais e transcreveremos aqui como [R] – e ocorre em “carreta” por exemplo. Estes dois tipos de “r” ocorrem em posição intervocálica – “careta-carreta”. Contudo somente o “R” forte (“carreta”) ocorre segundo consoantes heterossílabicas. Ou seja, o tipo de “r” que segue uma consoante em sílaba distinta é sempre o “R” forte: “Israel” e “desrespeito”. Em formas em que o glide na seqüência de vogal-glide é interpretado como um segmento vocálico

como em “Laura” – o tipo de “r” que segue o glide é o “r fraco” (ou seja o tepe ou vibrante simples) e temos “Lau[r̩a]” e não “*Lau[R]a”. Note que em formas em que o glide na seqüência de vogal-glide é geralmente interpretado como um segmento consonantal – como em “chilar” – o tipo de “r” que segue o glide é o “R” forte e temos [ʃi'wRaR].

Apresentamos a seguir alguns dados que devem ser transcritos foneticamente de acordo com a proposta dada (utilizamos o símbolo [R] para transcrever o “R” forte. Você poderá utilizá-lo ou pode fazer uso do símbolo correspondente ao “R” forte em seu dialeto). Alguns dos exemplos antes discutidos são ilustrados no quadro que se segue como referência. Agrupamos os dialetos como aqueles em que ocorre ou não a vocalização do [l].

Palavra	Dialectos sem vocalização do l	Dialectos com vocalização do l
jirau	[ʒi'rav]	[ʒi'rau̯]
cauda	[i'kawdə]	[i'kawdə]
mural	[mu'r̩at]	[mu'r̩aw]
calda	[i'katdə]	[i'kawdə]
museu		
Europa		
Brasil		
Silva		

3.3. Problema: como transcrever as seqüências de (occlusiva velar-glide) em português?

Exemplos: “mágoo” e “míngua”

Proposta: A transcrição de /occlusiva velar-glide/ em posição postônica (em formas como “mágoo, míngua”) deverá ser deduzida a partir de formas derivadas em que o comportamento do glide (ou vogal) que segue a occlusiva velar deve ser observado em posição pre tônica. Consideremos as formas “magoado” e “minguido”. Em “migoado”, a oclusiva velar pode ser seguida de glide ou de vogal quando o “o” ortográfico se manifesta como u. Temos então pronúncias da palavra “migoado” com três ou quatro sílabas: (ma.gua.do) ou (ma.gua.ðo). Na palavra “minguido” apenas o glide pode seguir a oclusiva velar e temos sempre três sílabas: (min.gua.ðo) – mas nunca *(min.gua.o.ðo). Propomos que as seqüências de occlusiva velar-glide que não permitem a alternância do glide com a vogal – como em “minguido” sejam transcritas como consonantes complexas [kʷ,gʷ] que representam uma “occlusiva

velar labializada” [note que a labialização da oclusiva não depende da vogal seguinte ser uma vogal labializada: “quadro, seqüela, lângüica”, etc.]. A forma “minguado” será transcrita então como [m̩ig̩adu]. Casos em que a sequência de *occlusiva velar-glide* permite a alternância do glide com uma vogal [como em “magoado”] temos um segmento oclusivo seguido do segmento vocálico [u] (ou da vogal [u] quando o glide não ocorre). A pronúncia da forma “magoado” com três ou quatro sílabas é explicada: [ma'g̩uadu] ~ [mag̩uado]. Note que nossa proposta explica também que o pronúncia de “minguado” com quatro sílabas – *(min.gu.a.do) – não ocorre porque neste caso o glide corresponde a parte de um segmento consonantal (e portanto não pode alternar com um segmento vocálico pois isto implicaria em mudança de categoria do segmento).

De acordo com esta proposta, uma forma como “cueca” será transcrita foneticamente como “[kueɛ]ca” quando a oclusiva velar é seguida de glide, e será transcrita como “[kueɛ]ca” quando a oclusiva velar é seguida de uma sequência de vogais. Por outro lado, uma forma como “seqüela” será transcrita como “se[k̩ɛ]la” (note que a ocorrência de uma vogal substituindo o glide pretônico é impossível: **se[kueɛ]la”). Podemos então deduzir a interpretação do glide quando uma sequência de *occlusiva velar-glide* ocorre em posição pretônica. Ou o glide é parte de uma consoante complexa – como em “seqüela” – ou o glide corresponde à um segmento vocalico – como em “cueca”. Quando o glide é parte da consoante complexa, não há alternância entre glide e vogal em posição pretônica: “se[k̩ɛ]la” – mas nunca “*se[kueɛ]la”. Iá nos casos em que o glide é interpretado como um segmento vocalico, o glide pode opcionalmente alterar com uma vogal em posição pretônica: “[kueɛ]ca ~ [kɥɛ]ca”.

Acabamos de observar que nos casos em que o glide é interpretado como uma vogal há alternância entre glide-vogal em posição pretônica: “[kueɛ]ca ~ [kɥɛ]ca”. Contudo, em posição postônica a dedução quanto à interpretação do glide às vezes não é possível. Isto é porque podemos não encontrar formas derivadas que demonstrem o comportamento do glide em posição pretônica. Queremos dizer com isto que ao considerarmos formas como “magoado” e “minguado” inferimos a representação fonética de “mágua” [im̩g̩uə] e “míngua” [m̩iŋ̩g̩uə] quando o glide ocorre em posição postônica. Em “mágua” [im̩g̩uə], o glide é interpretado como um segmento vocalico (de maneira análoga a “magoado”). Em “mingua” [m̩iŋ̩g̩uə], o glide é interpretado como parte da consoante complexa (de maneira análoga a “minguado”). Note contudo que ao transcrevermos uma forma como “anágua” – que não apresenta formas derivadas – podemos teoricamente propor as transcrições “anáig̩ja” ou “anág̩ja”. Não temos como definir qual seria a transcrição fonética mais adequada. Finalmente, vale ressaltar que certas formas podem ser pronunciadas com uma sequência de *occlusiva velar-glide* ou apenas com uma oclusiva velar: “quatorze, quota, liquidificador”. Isto significa que pronúncias como “[kʷ]atorze” ou “[k̩atorze]” “[kʷ]ota” ou “[k̩ota]” e “[likʷ]idificador” ou “[lik̩]idificador” são possíveis. Nestes casos transcrevemos as formas com ou sem o glide de acordo com a pronúncia que desejamos

registrar. Tais formas refletem o registro lexical que o falante tem da palavra em questão (cf. a discussão referente aos registros léxicos apresentada na introdução). Transcreva os dados que se seguem de acordo com a proposta apresentada.

Transcreva foneticamente as palavras:	
mágua	que
magoado	quase
mingua	sequela
minguado	quadrado
	tranquilo
	Guarapari

3.4. Problema: como transcrever glides palatais intervocálicos? (Note que geralmente o glide intervocálico é palatal. O glide posterior ocorre em posição intervocálica em algumas poucas formas de origem nas línguas africanas ou indígenas como por exemplo: “Cauê, Ananindéuá, Piauí”).

Exemplos: “saia, goiaba, apoião”

Proposta: Assumimos que glides intervocálicos correspondem a segmentos vocálicos e serão transcritos por [i]. O glide intervocálico pode ser ligado à vogal precedente ou à vogal seguinte. Podemos ter uma sequência de *vocal-glide* expressa nas seguintes divisões de sílabas: {sai.i}, {goi.a.ba}, {a.po.i.o}. Ou podemos ter uma sequência de *glide-vocal* expressa nas seguintes divisões de sílabas: {sa.i.o}, {go.i.ba}, {a.po.i.o}.

Evidência para assumirmos que glides intervocálicos correspondem a segmentos vocálicos é proveniente da distribuição do acento primário em português que pode ser final, penúltimo ou antepenúltimo (cf. “sabía, sabia, sábia”). Em outras palavras, o acento primário pode cair na primeira, segunda ou terceira vogal a partir do final da palavra (o acento na quarta vogal –*fámlia – não reflete o padrão acentual recorrente do português). Quando consideramos formas com glides intervocálicos observamos que o acento primário não pode ser antepenúltimo: **góiaba” e “ápoião” não são formas possíveis em português. Esta restrição deve-se ao fato do glide intervocálico ser interpretado como um segmento vocalico que, como tal, é levado em consideração em termos acentuais. Formas como **góiaba” e “ápoião” são excluídas porque o acento primário cairia na quarta vogal a partir do final da palavra o que não corresponde ao padrão acentual recorrente do português. Transcrevemos os glides intervocálicos com o símbolo [i].

Para finalizar a discussão sobre os glides intervocálicos, gostaríamos de lembrar ao leitor que algumas palavras que apresentam conssoantes laterais palatais ou palatalizadas em posição intervocálica – como em “te[X]a” ou “te[J]a” – podem

alternativamente apresentar um glide palatal em posição intervocálica dependendo de variação dialetal (ou mesmo idioletal). Nestes casos adotamos o símbolo [ʎ] – como em [tɛyɐ̯] “teia” – para representar o glide intervocálico que corresponde à consoante lateral. Esta proposta considera que o glide intervocálico em “[tɐ̯]yɐ̯” comporta-se como um segmento consonantal. Note que em “teia” [tɐ̯ɐ̯], o glide intervocálico comporta-se como um segmento vocalico. Nossa proposta é que em “teia” – e formas semelhantes – o glide palatal intervocálico seja transscrito com o símbolo [ʎ] associado à vogal precedente ou seguinte.

Transcreva foneticamente os dados de acordo com a proposta apresentada		
teia	cuiá	Cauê
maia	boiada	Piauí
apoio	areial	Ananindéua
saiote	feioso	Cuiabá

A forma “Cuiabá” pode ser pronunciada como [kuja'ba] ou [kuja'bɐ̯]. Justifique estas pronúncias quanto ao comportamento da primeira sílaba que pode ocorrer como uma sequência de *vogal+glide* – como em [kuja'ba] – ou pode ocorrer como uma sequência de *glide+vogal* – como em [kuya'bɐ̯]. Dica: note que os dois segmentos vocálicos da primeira sílaba são aqueles que podem potencialmente ser manifestados como glides em português.

Apresentamos a seguir um exercício que deve ser feito com um colega. Tal exercício tem por objetivo avaliar o seu desempenho em termos prático e teórico dos tópicos discutidos nas páginas precedentes.

25. Exercício final

- Transcreva foneticamente o texto abaixo. A transcrição fonética deve estar entre colchetes (um colchete inicial e um colchete final para o texto todo). As palavras devem ser transcritas individualmente com um espaço entre cada uma delas. A realização de alguns segmentos em final de palavra pode ser afetada por segmentos da palavra seguinte: “fazem[os]” mas “fazem[o]z[u]s”. Mesmo nestes casos as palavras devem ser transcritas individualmente como em: [...fa.zém[u]z.tzu...]. Marque as vírgulas com uma barra transversal (/) e os pontos finais com duas barras transversais (//). Note que este recurso tem como objetivo apenas marcar as referências de um texto escrito. Para caracterizarmos o ritmo e entonação da fala devemos utilizar outros recursos descritivos [cf. por exemplo Cagliari (1981); Massini-Cagliari (1992); Reis (1995)].

“Os órgãos que utilizamos na produção da fala não têm como função primária a articulação de sons. Na verdade, não existe nenhuma parte do corpo humano cuja única função esteja apenas relacionada com a fala. As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes da fala como, por exemplo, mastigar, engolir, respirar ou cheirar. Entretanto, para produzirmos qualquer som de qualquer língua fazemos uso de uma parte específica do corpo humano que denominaremos de aparelho fonador. (Texto extraído da parte de Fonética)

- Compare a sua transcrição à de um colega e liste pelo menos três aspectos em que vocês apresentam registros diferentes. Dê exemplos e tente justificar a natureza dos diferentes registros. Tome o exemplo dado como referência. Entre os aspectos que mais recorrentemente marcam a variação dialetal (ou idioletal) temos a distribuição das vogais quanto ao acento primário (prétonicas e postônicas); manifestação de vogais altas e glides em posição prétonica e postônica; manifestação do “R” forte; manifestação do s em final de sílaba; nasalidade; vocalização do l; manifestação da lateral palatal lh;

Diferença de registro	Exemplos do texto acima	Justificativa
Palatalização ou não das oclusivas t/d	utilizamos ou utilizámos articulação ou ar[ʃ]culação verda[dI] ou verda[dʒI] a[ʃ]vida[dI] ou a[ʃ]vida[dʒI] [dʒ]feren[tI] ou [dʒ]feren[tʃI] mas[ʃtʃ]gar ou mas[ʃtʃ]gar diñda".	A palatalização ocorre quando t/d são seguidos das vogais orais [i] e [I] (cf. "atividade"). Pode também ocorrer quando a vogal [i] segue t/d ("tínta, diñda").

Fonêmica

1. Introdução

A organização da cadeia sonora da fala é orientada por certos princípios. Tais princípios agrupam segmentos consonantais e vocálicos em cadeia e determinam a organização das seqüências sonoras possíveis de uma determinada língua. Falantes possuem intuição quanto às seqüências sonoras permitidas e excluídas em sua língua. Consideremos um exemplo concreto do português. Mesmo sem sabermos o significado de uma palavra como "sali" sabemos que a cadeia de segmentos é possível de ocorrer em uma palavra do português. Portanto, falantes do português interpretam "sali" como sendo uma palavra possível do português. Por convenções ortográficas inferimos que tal palavra é óxítona e a pronunciamos [sa.li]. Entretanto, uma palavra como "spali" não tem a mesma interpretação – uma vez que falantes sabem que a seqüência "sp" não ocorre em início de palavra em português. Certamente a palavra "spali" é interpretada como uma palavra estrangeira para falantes do português. Claro que se lançarmos um sabonete no mercado com o nome de "spali" os falantes do português serão capazes de pronunciar este nome: "spali". Contudo, os falantes farão as devidas alterações na seqüência sonora para que esta palavra adeque-se aos princípios de organização da cadeia sonora do português. Assim, um "i" será inserido antes do "s" inicial porque a língua portuguesa não permite "s" seguido de outra consoante em início de palavra. As pronúncias possíveis para "spali" são [ispali] ou [isipali] dependendo da interpretação que o falante dê ao acento tônico.

Portanto, os segmentos consonantais e vocálicos organizam-se em estruturas silábicas formando palavras possíveis em uma determinada língua. Línguas variam quanto aos seus inventários fonéticos (ou seja, quanto aos sons que ocorrem naquela língua) e quanto à organização da estrutura silábica (ou seja, seqüências sonoras possíveis em uma língua podem ser excluídas em outra).

Outro aspecto importante na organização da cadeia sonora da fala é a maneira como segmentos consonantais e vocálicos afetam segmentos adjacentes (que os precedem ou que os seguem). Sendo a fala um contínuo, observamos que um segmento pode ser alterado por um segmento que o precede ou que o segue. A alteração de um segmento a partir de segmentos adjacentes se dá pelo fato de os segmentos em questão compartilharem de certas propriedades fonéticas. Um exemplo do português é a palatalização de consoantes velares – [k,g] – quando estas são seguidas da vogal i: “quilo” e “guia”. A propriedade de ser anterior da vogal i é compartilhada pela consoante precedente [k,g].

Na parte que se segue tratamos dos princípios básicos da análise fonêmica – o modelo estruturalista da fonologia. Pretendemos que o instrumental da fonêmica forneça ao leitor uma compreensão ampla da organização da cadeia sonora do português brasileiro.

A análise fonêmica a ser apresentada nas próximas páginas tem por objetivo analisar a organização da cadeia sonora da fala do português a partir de pressupostos teóricos de tendência estruturalista. O termo fonologia passa a ser utilizado por modelos pós-estruturalistas que analisam a organização da cadeia sonora da fala – ou componente fonológico. Portanto, ambos os termos fonêmica e fonologia referem-se a modelos que tratam do estudo da cadeia sonora da fala. Na parte final deste livro discutimos modelos pós-estruturalistas. O mérito de apresentarmos e discutirmos aqui, as bases metodológicas e teóricas da análise fonêmica deve-se ao fato de tal modelo constituir a tentativa inicial de formalização da cadeia sonora da fala cuja terminologia e premissas são presentes (mesmo que de modo subjacente!) em modelos fonológicos subsequentes.

2. A fonêmica

Um dos objetivos centrais da fonêmica é fornecer aos seus usuários o instrumento para a conversão da linguagem oral em código escrito. Observe o título do livro *Fonêmica: uma técnica para se reduzir línguas à escrita* (*Phonemics: a technique to reduce languages to writing*) de Pike (1947). Kenneth Pike é membro do Summer Institute of Linguistics (SIL) cuja base financeira é proveniente da Wycliffe Bible Translators. O SIL é uma organização que treina missionários para atuarem principalmente na África e nas Américas com o objetivo de aprender línguas nativas e convertê-las a um código escrito. O objetivo final de converter a linguagem oral ao código escrito é a tradução da bíblia com propósitos religiosos.

Missionários desta organização atuam no Brasil desde 1959 e hoje possuem uma ampla sede em Brasília (DF). A atuação lingüística, educacional, religiosa e política do SIL no Brasil é discutida criticamente em Leite (1981).

Apresentamos a seguir uma explanação teórica do modelo de análise fonêmica. Adotamos os pressupostos metodológicos e teóricos propostos por Pike (1947). Aspects da análise do português seguem a proposta de Mattoso Câmara (1972). O texto é organizado em seções teóricas seguidas de exercícios. Espera-se que o leitor faça os exercícios antes de dar continuidade à leitura do texto. Enfase é dada à análise fonêmica do português brasileiro.

Neste modelo assume-se que as estruturas das línguas são uniformes e portanto os procedimentos metodológicos adotados serão adequados à análise de qualquer língua. Aceitam-se portanto algumas premissas que se relacionam às características universais das línguas. O material lingüístico a ser trabalhado em uma análise fonêmica será aquele corpus transcrito foneticamente entre colchetes: [babá] “babá”. Após adotarmos os procedimentos de análise a serem apresentados nas próximas páginas, teremos uma representação fonêmica que será transcrita entre barras transversais: /babá/ “babá”.

3. As premissas da fonêmica

Apresentamos nesta seção as quatro premissas básicas da fonêmica. Premissas secundárias – denominadas subpremissas – são discutidas em detalhes em Pike (1947). Fica aqui um convite para a leitura do livro *Phonemics: a technique to reduce languages to writing* para que o leitor obtenha uma visão detalhada do modelo fonêmico e das consequências desta proposta de análise quando aplicada às línguas naturais.

3.1. Premissa 1

Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram.

Interpretando-se a fala como um contínuo, observamos que os sons sofram alterações dependendo do ambiente em que se encontram. Ambiente ou contexto é o que precede ou segue um determinado segmento consonantal ou vocalico. Os ambientes ou contextos que mais frequentemente causam alteração na cadeia sonora são:

- (1) Ambientes ou contextos propícios à modificação de segmentos
 - a. sons vizinhos (precedentes ou seguintes)
 - b. fronteiras de sílabas, morfemas, palavras e sentenças
 - c. a posição do som em relação ao acento

Alguns símbolos são formalmente utilizados para caracterizar os contextos mais freqüentes, conforme ilustrado no quadro a seguir. Observe que na caracterização dos contextos listados no quadro o espaço sublinhado (por exemplo entre as vogais em V — V) indica o local em que se encontra o segmento cujo contexto desejamos descriver. Portanto, se desejarmos fazer referência ao [r] intervocálico podemos escrever: [r] ocorre V — V (ou seja, [r] ocorre entre vogais).